

## Editorial

Este ano tem sido tudo e mais alguma coisa, e quase tudo é mau: as deterioradas relações económicas entre superpotências, o racismo sistémico e a violência de estado, os fogos na Austrália que são apenas um sintoma pernicioso das alterações climáticas. Mas o tempo que vivemos é marcado, sobretudo, por outra narrativa dramática, não na forma de uma tragédia grega, mas sim de uma epidemia medieval. O vírus SARS-CoV-2 e a doença que provoca, a Covid-19, são os grandes protagonistas de 2020. O vórtice que animam desde o início do ano, ou pouco antes, tem ceifado milhares de vidas e colocado milhões de outras em espera, no pesadelo de uma unidade de cuidados intensivos, na escola e trabalho em casa, nas filas para os supermercados. E mais vidas serão afetadas pela recessão económica que inevitavelmente se seguirá à pandemia.

Neste contexto, esperar-se-ia que a ciência desempenhasse um papel crucial na definição de trajetos que poupassem a humanidade ao sofrimento provocado pela pandemia. E assim tem sido. A mobilização da comunidade científica em torno deste problema global tem sido extraordinária. Contudo, a Covid-19 acabou também por expor muitos dos problemas que há muito feriam a atividade científica e que agora vieram à superfície: o subfinanciamento crónico, como é evidente, mas também uma cultura de objetivos quantitativos, de utilidade dúbia, que se tornou palpável nas centenas de artigos que se publicaram sem critério, sem avaliação por pares, sem ética científica.

Enquanto escrevemos este editorial, as agências noticiosas informam que um medicamento – dexametasona – reduz de forma substancial o risco de morte em doentes ventilados, ou seja, aqueles que apresentam prognóstico mais reservado entre os infetados com o vírus SARS-CoV-2 (resultados mais detalhados em <https://www.recoverytrial.net/>). A dexametasona, um corticosteroide, não é, porém, um medicamento inédito ou recente: foi sintetizado em 1957 e empregue formalmente na prática clínica em 1961. A história não está morta, ou encarcerada em âmbar numa fixidez perpétua; a história é constantemente reescrita e reapropriada no presente. E podemos aprender muito com a história, com o passado. A dexametasona é um exemplo disso. É um exemplo que demonstra que a ciência não é fast food. Não pode alicerçar-se em modas ou índices-H. Não pode ser feita fora da sociedade e dos dilemas que se lhe colocam.

Passando a este número dos Cadernos do GEEvH, são aqui apresentados quatro textos. O primeiro deles tem Susana Garcia como autora e leva-nos justamente a uma visita ao Passado e discute a prevalência de traumatismos ao nível das costelas numa população medieval portuguesa. A segunda contribuição deste número, da autoria de Cristiana Monteiro e seus colegas, alerta-nos para o impacto da assimetria bilateral e do uso de consolidantes em estudos osteodensitométricos. A seguir, Ana Luísa Santos e Ricardo Gomes fazem-nos um muito interessante balanço dos primeiros dez anos das Jornadas Portuguesas de Paleopatologia. Finalmente, numa carta aos editores, Francisco Curate e colegas dão continuidade a esse balanço, mas desta vez a partir da sua própria perspectiva enquanto organizadores deste encontro científico. Estamos eternamente gratos aos autores destas contribuições que muito enriquecem o património dos Cadernos do GEEvH. Esperamos que os leitores apreciem a sua leitura.

\*\*\*

This year has been eventful and most of it has been disappointing: the deterioration of the economic ties among superpowers, the systemic racism intertwined with state violence, and the Australian bushfires as a mischievous symptom of climate changes. But most of all, our time is marked by another dramatic narrative, not a Greek one but rather one out of the Middle Ages. The SARS-CoV-2 virus and the disease it causes, Covid-19, are the major protagonists of 2020. The vortex they have been feeding since the beginning of the year, or even a bit earlier than that, has reaped thousands of lives and put on hold million others, who are now experiencing the living nightmare of an intense care unit, or are stuck to telework, home schooling or supermarket queues. And more lives will be affected by economic recession which will inevitably follow the pandemic outbreak.

In this context, it would be expectable that science would play a crucial role in the definition of the map road able to minimize suffering to mankind caused by the pandemics. And it has. The mobilization of the scientific community to solve this global problem has been extraordinary. However, Covid-19 has also exposed many of the problems that were harming scientific activity: the chronic underfunding is on that list, obviously, but also a culture of dubious usefulness which wrongly rewards quantitative objectives rather than qualitative ones. This translated into hundreds of papers published with poor criteria, absent of peer-reviewing and void of scientific ethics.

While this editorial is being written, news agencies are informing that a drug – Dexamethasone– significantly decreases the risk of death in ventilated Covid-19 patients, i.e. those presenting more reserved prognosis (more details here). Dexamethasone, a corticosteroid, is not however a new drug. It was synthesized in 1957 and has been formally used in clinical practice since 1961. History is not dead nor fixed in amber in perpetual stillness. It is constantly rewritten and reused to serve the Present. And a lot can be learned from History and the Past. Dexamethasone is a good example of that, which demonstrates that science is not a fast food affair. It cannot be based on current trends and Indices-H. It cannot take place out of society and the dilemmas it faces.

As for this issue of Notes in Human Evolution, four papers are presented. The first of these is authored by Susana Garcia who guides us to the Past to discuss the prevalence of rib trauma in a medieval Portuguese population. The second contribution, from Cristiana Monteiro and colleagues, alerts us to the impact of bilateral asymmetry and the use of consolidants in osteodensitometric studies. Then, Ana Luísa Santos and Ricardo Gomes present us with a very interesting overview of the first decade of the Portuguese Conference on Paleopathology. Finally, Curate and colleagues present a Letter to the Editors following-up that very same topic but now from their own perspective as organizers of the meeting. We are eternally grateful to the authors of these papers which truly enrich the heritage of Notes in Human Evolution. We hope the readers will enjoy them.

Os Editores/The Editors

João Tereso, Francisco Curate, Susana Carvalho & David Gonçalves